

De amor e velhice:

**Sobre o projeto fotográfico e editorial *Advanced Love*
de Ari Cohen**

Of love and old age:

**On the photographic and editorial project *Advanced Love* by
Ari Cohen**

Por Kati Caetano e Marcia Boroski

Do interesse pelo projeto

Este artigo resulta da confluência de interesses que têm como denominador comum a pesquisa sobre discursos verbais e não-verbais que privilegiam modos de experienciar os fatos e sentimentos, além do intuito de fazer saber ou fazer ver algo. O afeto, no sentido kantiano de o sujeito sentir-se afetado pelas qualidades sensíveis das coisas e das pessoas, está na base dessa preocupação recíproca, que compreende as diferentes formas de vida como instância maior de integração de tais experiências.

Tem como ancoragem teórico-analítica, para esse fim, postulados oriundos de estudos que configuram desdobramentos atuais da semiótica discursiva, quais sejam: o aparato reflexivo que busca apreender formas de manifestação do sensível pelos formantes plásticos e materialidades da imagem (FLOCH, 1986); suas implicações nos processos interacionais, que podem amparar-se em agenciamentos estratégicos ou ajustamentos em ato entre sujeitos - coisas ou pessoas (LANDOWSKI, 2004, 2005, 2014) - e formas de integração das diferentes instâncias discursivas que compõem, em sua totalidade, distintas formas de vida (FONTANILLE, 2015). Tais escolhas foram determinadas primeiramente pela atração ao objeto de estudo - o projeto *Advanced Love*, de Ari Seth Cohen (2018) - que expõe em processo artístico os vínculos entre opções estético-

estéticas e envolvimento passional; as interações no nível do enunciado, entre os protagonistas, assim como sua projeção no nível da enunciação; e experiências vividas que se dão a ver em modos singulares de presença no mundo.

O projeto *Advanced Love*

Advanced Love, obra que conduz o raciocínio argumentativo deste texto, é um foto-livro de retratos e breves entrevistas de casais idosos. O interesse de Cohen sobre o tema nasceu da aproximação com sua avó, Bluma, cuja morte inspirou o fotógrafo a criar seu projeto fotográfico, em 2008, que culminou na obra analisada no presente artigo. Com intenção de compreender seu processo produtivo, faremos um percurso da trajetória do fotógrafo.

Desde 2008, Cohen dedica-se a registrar o estilo e a história de pessoas idosas em seu *blog* documental de *street-style*, fruto, como dito, de uma ação que podemos conceber como a experiência do luto vivida de modo criativo, inspirado pela proximidade com sua avó. O endereço do *blog Advanced Style*¹ teve intenção de possibilitar florescer sua própria criatividade ao propor uma compreensão diferente do envelhecimento: um modo autêntico e sensível de ser e estar no mundo, e, mais importante, desvinculado de idades.

As pessoas retratadas no *blog*, no início, eram em sua maioria mulheres que chamavam a atenção de Cohen nas ruas de Nova York pelos seus modos de vestirem-se e adornarem-se, considerados excessivos ou inadequados para pessoas idosas, segundo uma padronização do gosto ocidental: misturavam tendências, texturas, cores, dimensões e volumes, ao próprio desejo. A proposta vem, sobretudo, preencher uma lacuna midiática e imagética da representação de homens e mulheres mais velhos, com estilo próprio, construído de forma criativa e subjetiva, ao longo de anos. Importante, também, é evidenciar que o projeto vai contra a associação compulsiva de juventude com beleza e felicidade, nos termos de Morin (1984), em uma luta contra a marginalização e invisibilidade das pessoas mais velhas.

São pessoas que se vestem de forma arrojada (Figura 1), colorida, com estampas indisponíveis nas lojas de departamento - que padronizam e pasteurizam vestimentas mundo afora. Cohen toma o vestir-se como forma de expressão, mas não só; fala sobre estilo e histórias, como diz na descrição de seu canal do YouTube: “*Style and Stories from some of the world's most*

¹ Blog *Advanced Style*, disponível em: <<https://www.advanced.style>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

*inspiring older men and women*². Portanto, fotografa pessoas que ao longo dos anos se dedicaram ao refinamento e aperfeiçoamento da sua aparência fora de certos padrões estéticos normalmente construídos na figurativização de pessoas mais velhas. Com essa atitude, prenunciam um estilo autêntico que parece se afirmar com a idade.



Figura 1 – Gai & Rhonda, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 88-89)

Além do blog, o fotógrafo produziu três livros de fotos: *Advanced Style* (2012), com foco em mulheres mais velhas e na moda de rua de Nova York, *Advanced Style: Older & Wiser* (2016), com homens e mulheres dos EUA, Europa e Ásia, e *Advanced Love* (2018). Coproduziu também o documentário *Advanced Style The Documentary* (2016), dirigido por Lina Plioplyte e o livro *Advanced Style The Coloring Book* (2012), além de campanhas publicitárias.

A produção mais recente, *Advanced Love* (COHEN, 2018), reúne 40 perfis de casais idosos de diversos países e continentes. O casal que inspirou essa guinada em seu trabalho documental foi Mort e Ginny Linder (Figura 2), de São Francisco (EUA), cuja conexão, paixão e criatividade tocaram Cohen quase que imediatamente (COHEN, 2018). Com uma relação de longa data, o casal dedica-se à arte e chamou atenção pelo amor, companheirismo, parceria e criatividade na construção da relação – fio condutor dos perfis e histórias contadas neste livro.

Conforme tal proposta, o amor não estaria vinculado ou restrito a determinadas idades, em uma oposição às narrativas recorrentes que representam relações apaixonadas³ na sociedade

² Canal no Youtube, disponível em: <<https://www.youtube.com/user/AdvancedStyleVideos>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

³ A ideia dos vínculos entre sujeitos apaixonados tem na semiótica discursiva uma valorização modal, para além de sua restrita definição corrente de ligados por amor. As paixões podem ser maléficas, como o ódio, e benéficas, como o amor, que neste caso implica uma associação patêmica baseada no bem-querer comum. As modalidades, e suas combinatórias, determinam os estados dos sujeitos nas suas relações com os valores em circulação no movimento social, em qualquer etapa de sua trajetória de vida, independentemente de idades cronológicas. Trata-se aqui, portanto, de valores passionais da condição humana (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, 1993).

ocidental. Cohen (2018) relata que sentiu seu próprio trabalho criativo contaminar-se pelo estilo compartilhado e conexão criativa dos casais, enquanto parceiros, e não indivíduos, pela sabedoria e trocas expressas em suas falas e na integração de valores e práticas com todo o ambiente, representado pelas roupas, pelas casas, cenários, gestualidades e natureza. Além disso, o fotógrafo toma o amor como o mais potente vínculo humano, compreendendo amar e envelhecer como verdadeiros privilégios.



Figura 2 – Mort & Ginny Linder, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 152-153)

Não se deve entender, no entanto, que o projeto de Cohen privilegie a perspectiva de um casamento que perdure (a todo custo), ou a união de pessoas consideradas excêntricas. Essa noção não se encaixa na descrição de suas fotos, porque ali convivem no mesmo projeto (*online* ou no livro) várias etnias, no espaço cultural dos Estados Unidos; formas de vida; diversos gostos, que redundam tradições ou as rejeitam sem atitudes de provocação; tipos de relações sexuais e sentimentais; e, sobretudo, certo respeito pelo outro expresso por meio de falas que indicam a aprendizagem conjunta de aceitação, ou até mesmo de assunção daquilo que no início parecia o "defeito" do (a) companheiro (a).

I first met John at a spiritual retreat. At first glance we had little in common. He wore mostly T-shirts and jeans, while I wouldn't think of leaving the house without lipstick, at least five pounds of jewelry, and one of my many magical coats. I took one look at him and joked, "Don't dress up for me." He's been dressing up ever since! On the inside of the wedding ring I gave to John, it's engraved, "To my

disappointment.” I wanted him to know he could be human and fail or hurt, and I would still love him... I would still love us. [Pattie relatando sobre John] (COHEN, 2018, p.198)⁴

É justamente essa direção tomada pelo autor que deve ser ressaltada e confrontada tanto a um imaginário vinculado ao amor de pessoas jovens (ou mais jovens) quanto ao seu oposto, manifestado em atitudes que confundem o outro como objeto de posse, do que deriva a violência contra a mulher. Entendemos que a questão desse tipo de violência não se manifesta apenas em atos de nocividade física ou investidas verbais insultosas ou desrespeitosas, mas também em gestos ou situações cotidianas que homologam séculos de uma cultura de domesticação do corpo. Esse amoldamento diz respeito às atitudes de diversas ordens que incluem a gestualidade, a postura, a vestimenta, a aparência como um todo, na contramão das formas de vida assumidas pelas pessoas retratadas no projeto de Cohen. Em vez, portanto, de uma relação de dominância e submissões, os relatos apontam para formas de ajustamento de gostos e estilos, com diferenças marcadas ou às vezes até abolidas pela partilha compreensiva do olhar e da ação do outro. As relações de intercorporeidade baseiam-se, portanto, em formas de desejo crescente pela interação em presença e pelo hábito de viver juntos (GUMBRECHT, 2006), de com-viver.

Por pressuposição é que o conjunto fotografado insere o debate que divide os sujeitos pela tríade do excesso, meio termo e falta. Historicamente, o meio termo aparece como a marca do equilíbrio, do bom senso e do bom gosto (ou bom tom), como já enunciava Aristóteles (1973) em *Ética a Nicômaco*, reportando-se a vários segmentos da vida. O projeto de Cohen instala essa lógica, obrigando a repensá-la em termos que suplantam as adequações sociais do amor e dos modos de se darem a ver, e aponta para um encontro modulado e de coexistência. O processo se faz tanto pela apreciação do excessivo, quanto da falta, podendo se falar inclusive em um limite da falta que é dado pelo minimalismo de uma vestimenta e cenário protagonizado em uma das fotos (Figura 3).

Com roupa azul-escuro, de costas, cabelos brancos em coque, a mulher caminha com o companheiro que porta calças tradicionais cinzas e casaco cor de chumbo de aspecto desestruturado. A foto parece destoar das outras, assim como acontece com o casal de asiáticos com roupas típicas tradicionais (Figura 4), mas é justamente nesse contraste entre imagens da

⁴ “Eu conheci John em um retiro espiritual. À primeira vista, tínhamos pouco em comum. Ele usava principalmente camisetas e jeans, enquanto eu não pensava em sair de casa sem batom, pelo menos cinco quilos de joias e um dos meus muitos casacos mágicos. Dei uma olhada nele e brinquei: “Não se vista para mim”. Ele está se vestindo desde então! No interior do anel de casamento que dei a John, está gravado “Para minha decepção”. Eu queria que ele soubesse que ele poderia ser humano, e falhar ou magoar, e eu ainda o amaria ... eu ainda nos amaria” (tradução nossa).

totalidade do livro que a tríade se insinua como possibilitada - excesso ou falta, não importa - e não como exclusividade de um dos polos.



Figura 3 – Joseph & Caroline, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 117)

O efeito de sentido de excesso, no entanto, impera, e merece destaque o fato de que se colocar do lado do excessivo em face de certas "normalidades" socioculturais pode suscitar a ideia de excentricidade e até mesmo de loucura. Por esse viés, algumas dessas mulheres são vistas e avaliadas, principalmente por apresentarem mais idade, em um período da vida no qual as exigências do equilíbrio, do chamado bom senso, da discrição e da conveniência são fortes. Em outros termos, o excesso que poderia ser associado ao excêntrico, ao estilo ousado em certas idades, torna-se o desajustado pela sobredeterminação do fator "ser velho".

Com esse viés, a velhice implica cerceamento do desejo, do afeto por um parceiro ou uma parceira (fora, portanto, do circuito de vínculos definidores da imagem de boa mãe e boa avó). Vestir-se com cores neutras, usar vestidos de corte tradicional e pouco acentuados, não se pintar, não se adornar em excesso, não beijar em público são algumas das solicitações tácitas do convívio considerado de bom tom, e tudo o que destoia dessa estética pode soar como falta ou excesso. Como opera Cohen para romper com essa visão? Expõe (Figuras 5 e 6) em camadas de complexidade o bem viver, homologando os planos da expressão e do conteúdo como política enunciativa de afirmar positivamente a lógica sensível dessas formas de vida. Ao valorizá-las, chama a nossa atenção para o fato de que rompem com certos hábitos, que são então tensionados em face do efeito tocante de tais imagens e valores. Recorre, assim, a uma manobra enunciativa

de axiologizar positivamente algumas práticas, contrapondo-as por pressuposição a um *status quo* prevalente de figurativização do idoso.



Figura 4 – Sem identificação, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 215)



Figura 5 – Ellen & Dick, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 79)



Figura 6 – Tutti & Paul, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 230)

Camadas de mediação: formas de vida, modos de figuração dos casais e integração com os ambientes

Uma articulação de sentido é dada por dois níveis de apreensão da temática: de um lado, os enunciados dados pelos atores discursivos, protagonistas das fotos e das falas. Convocados pela câmera e incitados a manifestarem-se gestual e verbalmente, assumem posturas de individualidades que querem fazer-se vistas de uma determinada maneira. Comportam-se como singularidades, pelo que sabem que são, seguindo uma lógica de antecipação de imagens do que supõem que deles espera o fotógrafo/entrevistador e, por consequência, o público leitor. O corpo reage, portanto, ao olhar do outro e à convocação da câmera, e, nesse sentido, não pode deixar de projetar uma encenação de si do âmbito do parecer ser (BARTHES, 2009).

O diálogo se estabelece demultiplicado pelas mediações de vozes, das imagens da mulher, do companheiro/companheira, do fotógrafo que os segue, das opiniões e testemunhais expressos em textos verbais. De outro, está o campo da enunciação desse processo de fotografá-los e entrevistá-los, que vai converter-se por fim em enunciados de um livro ou projetos digitais. Nessa instância é que está a sensibilidade do sujeito enunciador para retirar a imagem de um cenário de visualizações e interpretações estereotipadas a fim de inscrevê-las em sua naturalidade de manifestação, retirando qualquer perspectiva irônica do horizonte de leitura da obra. Detenhamo-nos então nesse processo que se efetiva por camadas distintas de formalização verbovisual.

Enquadramento e cenas de predicação

Embora o enquadramento tenha variantes, o sintomático no procedimento adotado pelo fotógrafo é o da uniformização dos protagonistas como foco de atenção. Em geral centralizados, são colocados como parte fundamental das fotos, constituindo pontos de fuga que encontram eco em níveis distintos de circunscrição. Seja ocupando toda a superfície espacial (Figura 7), seja enquadrados em situação de conjunto mais fechado (Figura 8) ou em cenário aberto que conjugue os limites de um ambiente, normalmente externo, de uma atmosfera, e até, em poucos mas revelantes casos, na perspectiva de um close como a imagem das mãos que se encontram em carícia partilhada pela pata do cachorro sobre a perna do homem (Figura 9).

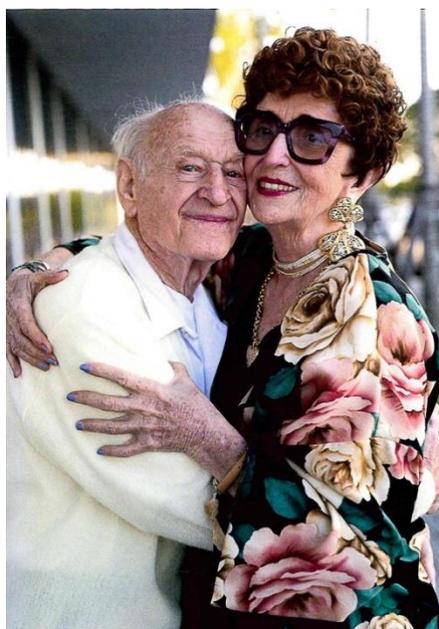


Figura 7 – Joseph & Caroline, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 115)



Figura 8 – Patti & John, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 183)



Figura 9 – Detalhe de Jerry & Evelyn, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 95)

Alguns casos de fotos de maior dimensão que ocupam duas páginas (Figura 9 e 10) (totalizando 36x24cm) são de grande efeito de presença, proximidade e convocação dos leitores à atmosfera vivida. Ainda que conscientes do projeto de valorização de suas experiências passionais, e, portanto, de sua situação de conforto em face da câmera, as manifestações encontram amparo justamente nas formas de vida que estão ali representadas, com traços que ecoam no ambiente geral, ou seja, nos diversos níveis de integração dos signos. As coisas não encenam, mas se ajustam às encenações humanas com adequação ou superficialidade.



Figura 10 – Anado & Richard, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 22-23)

É nesse aspecto que o aparente choque dos modos de vestir-se, pentear ou adornar-se revela coerência com as maneiras de habitar e de amar entre gêneros, entre diferenças, entre humanos e animais, humanos e coisas, e, no conjunto, tudo adquire sentido, perde o caráter excessivo e se instala nos limites do enquadramento como harmônico, ainda que expondo contrastes entre os atores que compõem um casal ou mesmo entre os casais (Figuras 11, 12 e 13).



Figura 11 – Massimo & Gino, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 129)



Figura 12 – Al & Emily, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 14-15)



Figura 13 – Orren & Rob, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 168)

A questão do enquadramento encontra assim transversalidade com as formas de figurativização, porque representa o delineamento topológico a partir do qual as coisas adquirem pertinência (FLOCH, 1986), abordadas nesse recorte espacial como vidas à parte. Há uma circunscrição diegética que passa a ser interpretada na conjunção com os testemunhos verbais fazendo conceber o livro como uma totalidade de sentidos da vida.

O enquadramento é uma das primeiras ações de composição. Vale lembrar que compor é o ato de incluir, excluir e dispor os objetos fotográficos e “enquadrar é, literalmente, colocar a imagem em um quadro [...]” (SCOVILLE; ALVES, 2018, p. 41). O olhar fotográfico parece recolher, priorizar e dispor elementos que dialoguem com os sentidos da troca firmada pelo casal.

Quando o fundo das fotografias é limpo, atua no sentido de excluir elementos que poderiam entrar em disputa com o assunto principal; quando preenchido com formas ou cores, parece ser disposto de modo a se apresentar como um tipo de continuidade figurativa dos sujeitos, uma continuidade da harmonia na diferença; as vestimentas se apresentam como se fossem formas expandidas do corpo para o ambiente; a composição deixa ver o olhar dos sujeitos fotografados sobre o mundo. Assim, o enunciado fotográfico, que se apresenta como um contraponto, um tipo de história da diferença, constrói-se, também, pela postura de respeito do fotógrafo em relação ao fotografado, ou seja, a partir da sua proposta autoral e criativa.

Discursos sobre si e o outro no plano verbal

A composição verbal no projeto do livro está submetida ao mesmo enquadramento da imagem. Não se sobrepõe a esta e nem figura como legenda; justapõe-se como quadro em que se dispõem os conjuntos de linhas, traços, pontos, identificados como signos e componentes extra-segmentais, mas ao mesmo tempo como adornos da foto. São antes excertos das entrevistas do que propriamente anexos integrais dos diálogos. Ou seja, recortadas pelo autor da obra, tais falas foram cuidadosamente escolhidas para tematizar aquilo que a imagem visual figurativiza. Cada um expõe a si e ao outro em tom de cumplicidade vivida; as dificuldades não são poupadas, os acidentes e ajustamentos das interações identificados e formalizados de modo espontâneo, sem a evidente encenação das fotos. Nesse sentido, percebe-se tanto a escolha do enunciador quanto a falta de controle dos sujeitos submetidos a uma entrevista, quando se deixam levar pelo fio da conversa, expondo suas qualidades e limitações livremente.

You need to learn to compromise from time to time, remembering that we all have faults and shouldn't expect perfection, as long as you treat one another in a caring way. Life is good when you share it with someone who truly loves you! [Patricia a respeito de sua relação com John]. (COHEN, 2018 p. 70.)⁵

Esse procedimento confere maior espontaneidade ao modo de se dar a ver e, por conseguinte, de ser visto, porque humaniza os protagonistas pelo que exprimem, além das maneiras como se representam em papéis actanciais na fotografia (mais alegres ou contidos, mais

⁵ "Você precisa aprender a se comprometer de tempos em tempos, lembrando que todos temos falhas e não devemos esperar perfeição, desde que se trate um ao outro de maneira atenciosa. A vida é boa quando você a compartilha com alguém que realmente a ama!" (tradução nossa).

afetivos ou controlados, mais conscientes dos impactos que podem provocar, pelo uso de roupas e "decor" dos ambientes, mais ou menos provocadores, tradicionais, etc.). A foto mobiliza a preparação e a pose, mas o texto verbal insere o sujeito na cadeia discursiva do diálogo induzindo à manifestação dos modos de sentir, que podem ser melhor trabalhados pela expansão da política editorial do livro no espaço virtual sob a forma de *blogs* que interagem e agregam mais simpatizantes.

Nessa empreitada de confrontar-se com a acomodação do olhar de padronização dos corpos de pessoas mais velhas, revelam-se os valores do amoldamento e da pasteurização, que se concretizam em práticas de exclusão ou depreciação do diferente, mediante a expectativa de que este se con-forme ao gosto social pelas roupas que usa, pelos gestos e posturas, pelos afetos que contém. Trata-se, por conseguinte, de uma domesticação cultural cujos limites são expandidos para as formas de vida (FONTANILLE, 2015), naquilo que elas significam em suas manifestações e pelo modo como se materializam pelas figurações externas: aparências, ambientes, trocas, formas de interação, práticas significativas.

O proibido tácito institui-se como reação a algo que beira o obsceno, porque contrário às expectativas do coletivo, ficando cada uma dessas aparições por conta e risco da loucura e insensatez de indivíduos singulares. Ao registrá-las positivamente, em livro, em rede social, em exposição ou outras formas de visibilidade, Cohen não faz um mero registro da vida cotidiana; ele torna visível um modo de ser e de existir; outorga-lhe valor, confere-lhe um enquadramento próprio formalizado nas quadraturas das fotos e dos textos, preconiza a pluralidade e o respeito com valores que transcendem a hegemonia do gosto e do tom.

Corpo, padrões e obscenidade

A questão do obsceno (como aquilo que fere o pudor) deve ser examinada em sua perspectiva histórica para ser trazida no âmbito da presente discussão. Orientada pela noção de uma cultura de domesticação do corpo, na qual está contida o amoldamento supracitado, Paula Sibilia (2014), em uma perspectiva genealógica, propõe uma discussão sobre os modos de olhar a nudez do seio do corpo feminino ao longo da história.

A autora parte dos casos da suspensão de contas do *Facebook*, em 2012, cujas usuárias postaram fotos amamentando e discute os deslocamentos simbólicos e morais, assim como as

interdições possibilitadas por essa rede social e justificadas por um olhar histórico que identifica como sentido à obscenidade.

A justificativa da rede foi a de que o seio completamente à mostra é um tipo de conteúdo sexual explícito e, por isso, denunciado (ato estimulado e encorajado pelas políticas da rede) e sujeito a posterior suspensão (que passa pela verificação de funcionários da empresa). Em virtude dos casos apontados, a rede social modificou o texto de *Padrões da comunidade Facebook* (um conjunto de suas políticas), incluindo que a amamentação pudesse estar figurada nas *timelines* dos usuários.

A ação pode parecer anacrônica, lançando mão de uma censura já conhecida, sobretudo frente a iniciativas de liberdade que vão na contramão e que encontram vazão e legitimação no tecido social contemporâneo. A autora defende que “há algo nessas estampas de outros tempos que choca o olhar contemporâneo, apesar das imensas liberdades hoje vigentes e da amplidão do leque de imagens que temos a nossa disposição” (SIBILIA, 2014, p. 38). Entretanto, também aciona o questionamento levantado pela própria autora sobre quais tipos de imagens seriam obscenas atualmente e por quê. Ou seja, aponta para um processo de historicização dos sentidos do olhar, do que a moral permite ver, do que enquadra como vulgar. A secularização do peito, fenômeno apontado por Margareth Miles (2008 apud SIBILIA, 2014), indica que até 1350 a nudez do seio feminino era considerada um símbolo religioso, conferindo ao ato de amamentação caráter de nutrição e espiritualização, cuja representação era feita amplamente em diversas imagens cristãs.

Nesse período, Sibilía (2014) inclui também histórias e representações iconográficas de um santo (homem) lactante e cenas de tortura e amputação de seios como imagens aceitas. Isso era possível pois o olhar histórico entendia-os como perfeitamente mostráveis, pois eram cenas de virtude e didáticas para a moral e a religião.

A partir de 1750, em um processo de ressignificação, o peito passou pela erotização e medicalização, e foi envolvido pelas expressões do amor romântico e os novos rituais e de sedução. O Concílio de Trento, em meados do século XVI, também impulsionou este movimento, indicando que se evitasse nas pinturas sagradas santas com decotes, entre outras orientações. Inclusive, posteriormente, a Igreja ordenou que fossem cobertos os corpos nus de imagens sagradas. Foi o caso da obra-prima de Michelangelo Buonarroti, no teto da Capela Sistina, cujos personagens estavam originalmente nus, refeita cinco anos após sua conclusão. Não há registros da versão original.

[...] enquanto sua carga mística agonizava e desativavam-se suas potências comoventes no plano espiritual, o saber anatômico e a indústria pornográfica as foram capturando, até acabar envolvendo-as em suas próprias lógicas. Assim, com os avanços da modernização do mundo e seus impulsos laicos, foi impossível deixar de enxergar nessas imagens algo da ordem da sexualidade, seja pelo viés da instrumentalização médica referida à reprodução ou à doença, seja pela via do erotismo e do desejo. Inclusive da obscenidade, ao identificar nelas algo que não deveria ser exposto por sua capacidade de ofender as premissas básicas da moral vigente, que devinha cada vez menos cristã e mais burguesa (SIBILIA, 2014, p. 40).

Com o exposto, a autora propõe-se a tentar identificar quais corpos nus incomodam atualmente. Lança um argumento paradoxal sobre o que é obsceno. Por um lado, identifica maior liberdade à expressão corporal. Por outro, relembra que a secularização do olhar produziu uma recusa a determinadas partes do corpo. E vai além: não apenas partes, mas o que impede a exibição tem a ver com atributos corporais específicos, em prol de um tipo de purificação.

[...] não é difícil notar que certos atributos corporais — como as rugas, os pelos, a flacidez e as adiposidades, por exemplo— tornaram-se alvos de atitudes “censoras” desdobradas nas últimas décadas. [...] Essa proibição, associada a novos pudores e pavores, não costuma inspirar resistências porque se acredita justificada: é aquela que tende a alisar as peles e afinar ou ajustar os volumes carnis, apagando tudo o que agora se considera “indecente” (SIBILIA, 2014, p. 47).

Em texto que aborda igualmente a provocação do incômodo de fotos sobre afetos sexuais entre casais idosos, Caetano, Skura e Sperb (2018), discutem que a estereotipia da censura sociocultural proíbe a potência de existir dos velhos e que a manifestação do corpo-carne, em seus extravasamentos e "deformações" figurativas, tem um valor de significado e de presença muito forte para a compreensão e a percepção diante da arte.

Essas reflexões encontram eco no projeto de Cohen, pois ressaltam o poder da arte contemporânea em geral, e, no presente caso, da fotografia, para suplantarem as amarras de tais adequações sociais, representações aceitáveis de corpos, concessão para a invisibilidade e ocultação do que a cultura determina como dever não ser visto.

O projeto faz um deslocamento de simbolismos associados ao amoldamento do casal de terceira idade, da convivência, de seu potencial de sexualidade, explicitando o contágio (LANDOWSKI, 2004, 2005, 2014) pelo desejo espontâneo, figurado inclusive em detalhes de gestos de afeição (Figura 14), fora dos parâmetros ditados pela publicidade e pela moda, como uma forma de ruptura com sentidos e morais vigentes. Rupturas estas que são como “mudanças ocorridas nos modos de olhar, que são historicamente constituídos e se desenvolvem dentro de

determinados “regimes de visualidade” (SIBILIA, 2014, p. 39), e para as quais os corpos são peças-chave de transformações.

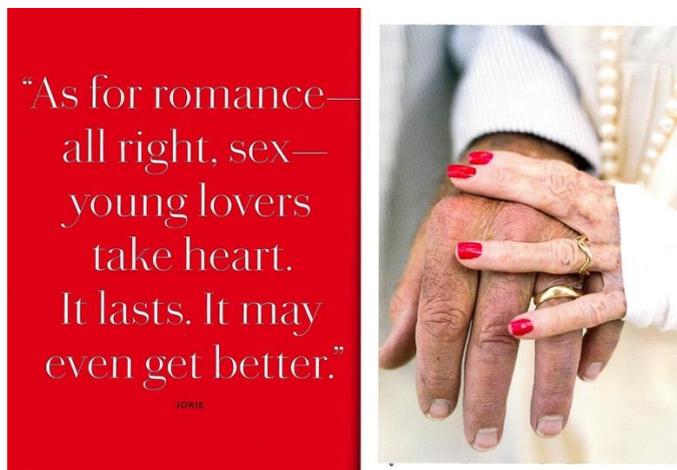


Figura 14 – Jorie & Gordon, *Advanced Love* (COHEN, 2018, p. 112-113)

Considerações finais

No projeto fotográfico e editorial de Cohen, vários aspectos de reflexão atual são agenciados: a questão de gênero, de gosto estético, de tom social, de afetos, de convivência, de moda e de estilos de vida, para citar alguns. Todos eles, no entanto, são atravessados pelos condicionantes da idade e do amor. Em resumo, questionam como se comportam as pessoas idosas em relação ao amor e diante desses constituintes da cultura. Tê-los em conta significa continuar persistindo na vida, uma vez que o sujeito se vê ainda em relação com o outro como alguém singular, doador e merecedor de bons sentimentos. Ao abordar tais protagonistas em suas pluralidades, o autor e fotógrafo explode com uma lógica presente na nossa sociedade que é a de decidir sobre os modos de ser e de existir dos velhos. Abre espaço para que se representem em atitudes de intimidade ou encenação, delega vozes para que falem em primeira pessoa, impedindo a princípio qualquer juízo de valor que determine a precariedade da velhice, o excessivo em certos velhos ou a requisitada prudência e sensatez de outros. Em síntese, nas páginas e telas de seus projetos, não é a velhice que está em pauta, mas a disponibilidade humana para a interação, em movimentos de permanente ajuste (LANDOWSKI, 2004, 2005, 2014) em face de outrem, e a percepção de que os corpos se integram uns aos outros, entre pessoas, entre pessoas e não-pessoas e no cenário dos ambientes, enfim, nas formas de vida que cada um escolhe para ver e fazer sentido.

A opção por mais de uma forma de materialização dessa experiência - linguagem verbal e não-verbal, meio impresso em formato livro e virtual - garante maior alcance e repercussão desses registros para, oportunamente, se confrontarem a um momento da contemporaneidade marcado pela rotulação de identidades, intolerância de valores e ideias e perniciosidade de práticas de exclusão e indiferença perante os que não contam em um sociedade (RANCIÈRE, 2005, 2018).

Kati Caetano

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná

Doutora em Letras - FFLCH/USP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8385-1390>

E-mail: katicaetano@hotmail.com

Marcia Boroski

Docente nos cursos de graduação do UNINTER

Doutoranda em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6624-6132>

E-mail: boroskimarcia@gmail.com

Recebido em: 5 de maio de 2020.

Aprovado em: 17 de maio de 2020.

Referências

ARISTÓTELES - **Ética a Nicômano. Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v. 4.

BARTHES, Roland. **Óbvio e obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CAETANO, Kati, SKURA, Ivana, SPERB, Nanachara. Contingências midiáticas do envelhecimento: o limite do visível em narrativas sobre ser/estar velho. In: **Contemporânea - Comunicação e Cultura**. Salvador: Editora da UFBA, v. 16, nº 1, jan. - abr. 2018, p. 290-310.

FLOCH, J. M. **Les formes de l'empreinte**. Brandt, Cartier-Bresson, Doisneau, Stieglitz, Strand. Périgueux: Fanlac, 1986.

FONTANILLE, Jacques. **Corpo e sentido**. Londrina: Eduel; Paris: Presses Universitaires de France, 2016.

_____. **Formes de vie**. Liège, Bélgica: Presses Universitaires de Liège, 2015.

GREIMAS, Algirdas J.; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme**. Paris: Seuil, 1991.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, C. et al (org.). **Comunicação e Experiência Estética**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores: Centro de Pesquisas Socisemióticas, 2014.

_____. **Les interactions risquées.** Nouveaux Actes Sémiotiques. Limoges: PULIM, Université de Limoges, n. 101, 102, 103, 2005.

_____. **Passions sans nom.** Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política. São Paulo: EXO Experimental org./Editora 34, 2005.

_____. **O desentendimento:** política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 2018.

SIBILIA, Paula O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas. **Revista Famecos.** Porto Alegre, v.21, n.1, pp.24-55, jan-abr. 2014.

SCOVILLE, André Lopez; ALVES, Bruno Oliveria. **Laboratório de Artes Visuais:** Fotografia digital e quadrinhos. Curitiba: Intersaberes, 2018.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as paixões de afeto entre casais idosos em consonância com formas de vida específicas que se contrapõem a imagens e imaginário da manifestação figurativa e visual da velhice. Para tanto, tomamos como empírico que articula nosso raciocínio o projeto de Ari Seth Cohen intitulado *Advanced Love* (2018), que retrata e entrevista casais representativos de diversos gostos estéticos, reproduzindo na vestimenta, na corporalidade e nas suas falas uma partilha sensível da vida em comum encarnada em várias materialidades. O conjunto fotografado coloca de início o pressuposto de um debate que divide os sujeitos pela tríade do excesso, meio termo e falta. Historicamente, o meio termo aparece como a marca do equilíbrio, do bom senso e do bom gosto (ou bom tom), como já enunciava Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, reportando-se a vários segmentos da vida. No empírico examinado, rompe-se com essa visão unificada de um "bom gosto" ou "bom senso" que deveria ser partilhado pelas pessoas idosas. O projeto de Cohen obriga, ao contrário, a repensá-los em termos que suplantam as adequações sociais do amor e dos modos de se darem a ver e aponta para um encontro modulado e de coexistência. O raciocínio teórico-analítico de abordagem do *corpus* articula-se com postulados da semiótica discursiva em alguns de seus desdobramentos: análise figurativa e plástica da imagem, estudos das práticas interacionais e das formas de vida em suas diversas instâncias de integração, de signos, estratégias, práticas e experiências vividas.

Palavras-chave: Estética. Afeto. Corpo. Velhice.

Abstract

This work aims to analyze the passions of affection among elderly couples in relation with specific forms of life that are opposed to images and imagery of the figurative and visual manifestation of old age. For this purpose, we take the project by Ari Seth Cohen entitled *Advanced Love* (2018), which portrays and interviews representative couples of different aesthetic tastes, reproducing in clothing, corporeality and in their speeches a sensitive sharing of life in common embodied in various materialities. The photographed set initially places the assumption of a debate that divides the subjects by the triad of excess, golden mean and deficiency. Historically, the middle way appears as the mark of balance, common sense and good taste (or good tone), as Aristotle already stated in *The Nicomachean Ethics*, referring to various segments of life. In the examined empirical, this unified view

of "good taste" or "good sense" that should be shared by the elderly is broken. On the contrary, Cohen's project obliges us to rethink them in terms that supplant the social adaptations of love and the ways in which they come together and points to a modulated and coexistent encounter. The theoretical-analytical reasoning of the corpus approach is articulated with postulates of discursive semiotics in some of its unfolding: figurative and plastic analysis of the image, studies of interactional practices and forms of life in its various instances of integration - signs, strategies, practices and lived experiences.

Keywords: Aesthetics. Love. Body. Old age.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar las pasiones de afecto entre parejas de ancianos con respecto a formas específicas de vida que se oponen a las imágenes e imágenes de la manifestación figurativa y visual de la vejez. Por lo tanto, tomamos como un empírico que articula nuestro razonamiento el proyecto de Ari Seth Cohen titulado *Advanced Love* (2018), que retrata y entrevista a parejas representativas de diferentes gustos estéticos, reproduciéndose en la ropa, en la corporalidad y en sus discursos un intercambio sensible de la vida en común encarnado en diversas materialidades. El conjunto fotografiado coloca inicialmente la suposición de un debate que divide a los sujetos por la tríada de exceso, medio término y defecto. Históricamente, el término medio aparece como la marca de equilibrio, el sentido común y el buen gusto (o el buen tono), como Aristóteles ya afirmó en *Ética a Nicómaco*, refiriéndose a varios segmentos de la vida. En el empírico examinado, esta visión unificada de un "buen gusto" o "buen senso" que deberían compartir los ancianos está rota. Por el contrario, el proyecto de Cohen nos obliga a repensarlos en términos que suplanten las adaptaciones sociales del amor y las formas en que se unen y apuntan a un encuentro modulado y coexistente. El razonamiento teórico-analítico del enfoque del corpus se articula con postulados de la semiótica discursiva en algunos de sus desarrollos: análisis figurativo y plástico de la imagen, estudios de prácticas de interacción y formas de vida en sus diversas instancias de integración - signos, estrategias, prácticas y experiencias vividas.

Palabras clave: Estética. Afecto. Cuerpo. Vejez.